Unidade I. Contribuições da rede Ibero-Americana de pesquisadores
em história da psicologia
Parte II – Cooperação internacional em história da psicologia
**Cap. 5 – Intercâmbios internacionais na história da psicologia:
O programa de investigação transcultural da IUPsyS no
contexto da Guerra Fria**

Hugo Klappenbach

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KLAPPENBACH, H. Intercâmbios internacionais na história da psicologia: O programa de investigação transcultural da IUPsyS no contexto da Guerra Fria. In: JACÓ-VILELA, A.M., and OLIVEIRA, D.M., orgs. *Clio-Psyché: discursos e práticas na história da psicologia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 51-69. ISBN 978-85-7511-498-8. Available from: doi: [10.7476/9788575114988.0007](https://doi.org/10.7476/9788575114988.0007). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/27bn3/epub/jaco-9788575114988.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Capítulo 5

Intercâmbios internacionais na história da psicologia: O programa de investigação transcultural da IUPsyS no contexto da Guerra Fria

Hugo Klappenbach

As sociedades científicas internacionais são, em si, espaços de colaboração e intercâmbio internacional. No caso da psicologia, é interessante a criação da União Internacional de Ciências Psicológicas (IUPsyS). Em especial, com um olhar centrado no impulso que a IUPsyS deu à psicologia transcultural, resultado precisamente da colaboração internacional entre pessoas de diferentes países e culturas.

A história da *psicologia transcultural* não tem sido uma área muito estudada, e as poucas abordagens históricas do tema costumam reduzir-se a aproximações legitimantes e celebratórias (Adamopoulos e Lonner, 2001; Jahoda e Krewer, 1997). As primeiras abordagens questionadoras surgiram apenas quando a psicologia transcultural começou a ser criticada pela psicologia cultural corrente, que, em grande medida, foi desenvolvida por personalidades que, em seu momento, estavam comprometidas com o desenvolvimento da psicologia transcultural (Cole, 2003; Rattner, 2006; Rattner e Hui, 2003).

No entanto, há um tema que tem sido pouco desenvolvido nessas histórias e refere-se ao contexto político que favoreceu o desenvolvimento de um programa de psicologia transcultural impulsionado pela *International Union of Psychological Science* (IUPsyS). Esse impulso pode ser acompanhado nos primeiros volumes da revista editada pela IUPsyS, a *International Journal of Psychology*. Mesmo os poucos trabalhos que repararam nesse contexto político não o analisaram ou o explicaram:

The modern era of cross-cultural psychology began shortly after the end of World War II. Its rapid expansion may be attributed to a shared motivation to understand the attendant horrors of the war and to expand the intellectual horizons of

psychology beyond parochial, nationalistic boundaries. With the increased salience of international perspectives accompanying the cold war, the study of human behavior in cultural context evolved particularly rapidly (Segall et al., 1998, p. 1.102).¹

O que apresentamos aqui é um esboço apenas inicial, no qual simplesmente perguntamos: por que o IUPsyS interessou-se em psicologia transcultural? Ou o que pode considerar-se quase a mesma pergunta, mas por outro ângulo: por que a revista de uma sociedade internacional de psicologia *em geral* esteve dedicada, em seus primeiros anos, quase exclusivamente à psicologia transcultural? Para esse fim, analisaremos os antecedentes histórico da IUPsyS, especialmente no período e contexto no qual desenvolveu-se o programa de psicologia transcultural que já foi anteriormente apontado por Segall et al. (1998).

Antecedentes da IUPsyS

Em um trabalho clássico centrado nos enfoques historiográficos, Danziger advertia:

For at least a generation after the Nazi takeover in Germany, psychology outside the United States was of little account and increasingly took its lead from North America. The historical work that bears the stamp of this period quite naturally equated the celebration of certain conception of science with the celebration of psychology as an American science (Danziger, 1994, p. 476).²

A situação da psicologia na Alemanha, a partir da ascensão do nazismo (Geuter, 1992) e depois da Segunda Guerra Mundial, facilitou a crescente hegemonia da psicologia estadunidense, a qual pode ser considerada como uma

---

1 N. T.: A era moderna da psicologia transcultural começou logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Sua rápida expansão pode ser atribuída a uma motivação compartilhada para entender os horrores gerados pela guerra e expandir o horizonte intelectual da psicologia, para além das fronteiras paroquiais e nacionalistas. Com o crescimento da relevância de estudos que acompanhavam a Guerra Fria em perspectivas internacionais, o estudo do comportamento humano num contexto cultural evoluiu de maneira particularmente rápida.

2 N. T.: Durante ao menos uma geração após o nazismo ter dominado a Alemanha, a psicologia, fora dos Estados Unidos, tinha pouca relevância, permitindo que a América do Norte assumisse cada vez mais a liderança. O trabalho histórico que traz a estampa desse período naturalmente equacionou a celebração de certa concepção de ciência com a celebração da psicologia como uma ciência americana.

das consequências, no plano da cultura e da ciência, da hegemonia militar, política e econômica estadunidense (Zeitlin, 2000). Enquanto no começo do século XX as teorias psicológicas europeias, especialmente a alemã, eram um sinal de prestígio entre os estadunidenses, a partir de 1942, esse quadro inverte-se “American psychological theories became dominant in Europe and in Germany in particular” (Adler, 1991, p. 119).³

A *americanização* da psicologia nunca foi absoluta. Primeiramente, porque reconheceu-se limites ao projeto de americanizar a cultura europeia ao final da Segunda Guerra Mundial (Zeitlin, 2000). Em todo caso:

we can say that America's scientific accomplishments remained an omnipresent point of reference and a constant source of pressure for change in Europe, while U.S. recognition of European achievements was an essential source of scientific credibility and scientific capital (Krige, 2006, p. 269).⁴

Assim mesmo, também houve resistência diante da americanização da vida acadêmica e científica, ao menos no caso da psicologia, em partes, pela psicologia soviética, e, em outras, pela psicologia em língua francesa. Poder-se-ia também mencionar uma terceira resistência por parte da psicanálise. Todavia, as relações entre a psicologia e a psicanálise, neste período que estamos analisando, eram particularmente complexas, e a tendência que começava a ser dominante no campo da psicanálise estabelecia relações de separação entre as duas ciências. No *Seminário 2*, Lacan afirmava “del modo más categórico, la tentativa de una nueva fusión del psicoanálisis en la psicología general”⁵ (Lacan, 1854/1992, p. 28). Ainda quando a amplitude do tema excede nossa análise, a psicologia francesa manteve constante, desde o século XIX, suas características distintas. Suas revistas mais destacadas, a *Revue Philosophique*, primeiramente, e a *L'Année Psychologique*, depois, foram veículos da “energy and originality of research done in France and in French-speaking countries”⁶ (Nicolas et al., 2000). O próprio Piéron testemunhou o valor de seus trabalhos na

3 N. T.: As teorias psicológicas Americanas tornaram-se dominantes na Europa, particularmente na Alemanha.

4 N. T.: podemos dizer que as realizações científicas dos Estados Unidos mantiveram-se onipresentes como ponto de referência e uma constante fonte de pressão para mudanças na Europa, ao mesmo tempo que o reconhecimento das conquistas europeias nos EUA era fonte essencial de credibilidade e capital científicos.

5 N. T.: categoricamente, a tentativa de uma nova fusão da psicanálise na psicologia geral.

6 N. T.: energia e originalidade da pesquisa feita na França e em países de língua francesa.

direção de voltar a localizar a produção psicológica francesa em um lugar de envergadura:

To a rather large extent my efforts have been successful, and after a period of decline, French psychology is now regaining an honorable place in the international field. Its growth, however, has been slow, and too short of the goal I hoped for to be fully satisfactory (Piéron, 1952, p. 278).⁷

A resistência da psicologia soviética, por assim dizer, não é fácil de reconstruir em poucas linhas. Desde a queda do Muro de Berlim ampliaram-se as controvérsias sobre as características dessa psicologia (Dergam, 1997). Nesse mesmo ano, Fernando González-Rey, que obteve seu doutorado em Moscou, tentou periodizá-la. E, embora em sua reconstrução histórica pudesse reconhecer alguns dos debates que cruzaram a psicologia cubana na década de 1970 e 1980 – como a controvérsia entre os seguidores de Vygotsky e Rubinstein, por um lado, e Luria e seus seguidores, por outro, ou com os encontros e desencontros entre a psicanálise e marxismo –, o trabalho serviu para realçar mais uma vez a complexidade da psicologia soviética, mesmo antes da oficialização stalinista de Pavlov, por volta de 1940 (Gonzalez-King, 2014).

Em qualquer caso, o que importa é que, paralelamente à americanização da psicologia, mesmo nos anos de maior hegemonia da psicologia estadunidense, é possível traçar um *desenvolvimento policêntrico* da psicologia, com características diferentes na França, na então chamada União Soviética, na Inglaterra, que nunca deixou de priorizar o estudo da mente mais que o do comportamento, e as diversas formas de psicologias nativas. Danziger poderia concluir que “primero, existe una evidente heterogeneidad sobre lo objeto de estudio de la psicología; segundo, existe una falta de unidad asociada com a dispersión territorial do tema”⁸ (Danziger, 2006, p. 209).

Queremos enfatizar o desenvolvimento relacionado ao programa de psicologia transcultural que, por sua parte, reconhece diferentes orientações. Aqui vamos limitar-nos ao programa promovido pelos IUPsyS.

7 N. T.: Em grande parte, meus esforços foram bem sucedidos e, após um período de declínio, a psicologia francesa agora está recuperando um lugar honroso no campo internacional. O seu crescimento, no entanto, tem sido lento, e muito longe do objetivo que eu esperava para ser totalmente satisfatório.

8 N. T.: primeiro, existe uma heterogeneidade evidente sobre o objeto de estudo da psicologia; segundo, existe uma falta de unidade associada com a dispersão territorial do tema.

Os antecedentes da IUPsyS remontam ao primeiro Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Paris, de 6 a 10 de agosto de 1889. Embora não haja muitas as investigações históricas sobre esse primeiro congresso, há uma tese de doutorado na Espanha, algumas resenhas publicadas em fontes diversas e alguns poucos trabalhos publicados (Marillier, 1889; Montoro et al., 1984; Nicolas e Soderlumd, 2005; Piéron, 1954, Sabourin e Cooper, 2014). Todos concordam que o impulso para esse congresso surgiu de uma personalidade periférica, Julian Ochorowicz, da Polônia, que publicou em 1881 na *Revue Philosophique* uma proposta para o Congresso Internacional de Psicologia (Ochorowicz, 1881).

Tem-se observado que o *Revue Philosophique* da *France et de l'étranger*, como era seu título completo, é uma das mais importantes conquistas da filosofia francesa (Nicolas e Murray, 1999). Principalmente dedicada à nova psicologia, ocupou um lugar central no desenvolvimento desta:

Depuis une quinzaine d'années a psychologie est entré dans une ère nouvelle. Cette ère date approximativement de 1878, époque doublement importante pour a psychologie, puisque c'est elle où, em Allemagne, M. Wundt a ouvert le premier laboratoire de psychologie expérimentale, celle aussi où em France M. Charcot a inauguré ses recherches sur l'hypnotisme chez les hystériques. A peu près à a même époque, M. Ribot fondait a *Revue Philosophique*, et donnait une vive impulsion aux études da psychologie expérimentale em France (Binet, 1894, p. 1).⁹

Para Binet, a *Revue Philosophique* tinha uma envergadura análoga ao trabalho de Wundt e Charcot. Nesse contexto, a proposta de Ochorowicz incluía um programa completo de psicologia que abarcava: psicologia geral; psicofísica; psicologia fisiológica e patológica; psicologia animal; psicologia criminal; psicologia da arte; psicologia da história; psicologia educacional; etologia; psicologia matemática; e até mesmo história da psicologia (Ochorowicz, 1881).

O Primeiro Congresso Internacional de Psicologia foi organizado por um Comitê nomeado pelo Ministério do Comércio e Indústria na Exposição Uni-

---

9 N.T.: Depois de uns quinze anos, a psicologia entrou em uma nova era. Essa data aproximadamente de 1878, época duplamente importante para a psicologia, uma vez que é a época em que, na Alemanha, Wundt abriu o primeiro laboratório de psicologia experimental, e também em que, na França, Charcot inaugurou suas pesquisas sobre o hipnotismo em hísticas. Mais ou menos ao mesmo tempo, Ribot fundou a *Revue Philosophique*, e deu um grande impulso aos estudos de psicologia experimental na França.

versal de 1889, o qual fez parte das atividades comemorativas da Revolução Francesa (Société de Psychologie Physiologique, 1889; Nicolas e Söderlumd, 2005). É importante destacar o peso que teve o congresso de psicologia francesa das desagregações da personalidade. Charcot foi o presidente do Comitê Organizador, embora aqueles que realmente organizaram esse congresso fossem um dos vice-presidentes, Ribot, e o secretário-geral, Charles Richet, que também foi o secretário da Sociedade de Psicologia Fisiológica (Nicolas e Söderlumd, 2005). Charcot não pôde comparecer, tendo sido as sessões presididas por Magnan, Delboeuf e Bernheim (Marillier, 1889).

Nesse evento decidiu-se por um próximo congresso em Londres, em 1892, sob o nome de Congresso de Psicologia Experimental, e também decidiu-se criar um Comitê Permanente Internacional com personalidades de 10 países:

Il est institué une *Comité International Permanent* qui se réunira vers a Noël 1791 pour recueillir les propositions et étudier le programme du Congrès. Ce Comité se compose de MM. Beaumis, Benedikt, Bertrand, Bernheim, Danilewsky, Delboeuf, Espinas, Forel, Ferrari, Galton, Gley, Grote, Grüber, Herzen, W. James, Lombroso, Marillier, Mumsterberg, Myers, Neiglick, Ochorowicz, Ribot, Ch. Richet, von Schrenck-Notzing, Sidgwick, Sperling. On n'a choisi que des personnes présentes au Congrès pour être assuré de leur acceptation (Marillier, 1889, p. 546).¹⁰

O Comitê Permanente efetivamente teve sob sua responsabilidade a organização dos seguintes congressos:

Tabela 1 - Congressos Internacionais de Psicologia previos à IUPsyS

1. Paris	August 6–10, 1889	Jean Martin Charcot (Acting, Théodule Ribot)
2. London	August 2–6, 1892	Henry Sidgwick
3. Munich	August 4–7, 1896	Carl Stumpf
4. Paris	August 20–25, 1900	Théodule A. Ribot

¹⁰ N. T.: Foi criado um Comitê Internacional Permanente que se reuniria por volta do Natal de 1891 para recolher as propostas e estudar o programa do Congresso. Esse Comitê foi composto pelos Srs. Beaumis, Benedikt, Bertrand, Bernheim, Danilewsky, Delboeuf, Espinas, Forel, Ferrari, Galton, Gley, Grote, Grüber, Herzen, W. James, Lombroso, Marillier, Mumsterberg, Myers, Neiglick, Ochorowicz, Ribot, Ch. Richet, Schrenck-Notzing, Sidgwick, Sperling. Foram escolhidos apenas aqueles presentes no Congresso para ser garantida a sua aceitação.

5. Rome	April 26–30, 1905	Giuseppé Sergi (Honorary, Leonardo Bianchi)
6. Geneva	August 2–7, 1909	Theodore Flournoy
7. Oxford	July 26–August 2, 1923	Charles S. Myers
8. Groningen	September 6–11, 1926	Gerardus Heymans
9. Yale	September 1–7, 1929	James McKeen Cattell
10. Copenhagen	August 22–27, 1932	Edgar Rubin*
11. Paris	July 25–31, 1937	Henri Piéron (Honorary, Pierre Janet)
12. Edinburgh	July 23–29, 1948	James Drever Sr
13. Stockholm	July 6–21, 1951	David Katz

Fonte: Montoro et al., 1984.

As dificuldades na comunicação entre os membros do Comitê Permanente levaram a uma reorganização deste. De 1926 até 1937, Edouard Claparède incorporou-se ao Comitê como Secretário Permanente. Entre 1937 e 1948, criou-se um Comitê Executivo integrado por Karl Bühler, Otto Klemm, Charles S. Myers, Henri Piéron e Mario Ponzio. Enquanto existiu o Comitê Executivo, Edouard Claparède permaneceu como Secretário Permanente (até sua morte em 1940). Nesse comitê incorporou-se também um Secretário Assistente, Herbert S. Langfeld, que em 1940 assumiu o lugar de Claparède (Rosenzweig et al., 2000).

Paralelamente, foram-se organizando sociedades de psicologia em diferentes países. Em 1948, durante o Congresso de Edimburgo, sete sociedades nacionais (Bélgica, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Suécia e EVA) decidiram fundar uma sociedade científica internacional. Tal instituição se organizou formalmente durante o congresso seguinte, reunido em Estocolmo, em 1951, no qual se agregaram sociedades da Holanda, Japão, Noruega e Suíça às sociedades dos sete países anteriores. Assim, sociedades nacionais de 11 países constituíram a IUPsyS.

Em relação à denominação da sociedade, é interessante o testemunho de Nuttin:

Concerned about the scientific status of psychology in their countries, all three [Piéron, Michotte and Piaget] felt the need to separate the Union from two tendencies that still threatened scientific psychology in some European countries: (1) certain literary or philosophical forms of psychology, and (2) certain psychotherapeutic practices. English-speaking psychologists allowed themselves to be persuaded, and the Union was formed with the name International Union of Scientific

Psychology/Union Internationales da Psychologie Scientifique (Rosenzweig et al., 2000, p. 62).¹¹

Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, “la pura y simples necesidad de coordinación global multiplicó las organizaciones internacionales”¹² (Hobsbawm, 1998, p. 429). As Nações Unidas seriam o testemunho mais eloquente dessa tendência, ainda que organizações internacionais muito pequenas e de menor envergadura como a IUPsyS se formassem no mesmo período histórico. E, mesmo não ficando totalmente claro em que medida organizações não governamentais internacionais, como a IUPsyS, poderiam contribuir para a constituição de uma nova ordem internacional, as organizações relacionadas às ciências se multiplicaram depois da Segunda Guerra Mundial (Schofer, 1999).

O primeiro Presidente da IUPsyS foi Henri Piéron; Vice-presidente, F. C. Bartlett (UK); Tesoureiro, David Katz, então radicado e representando na Suécia; Secretário Geral, Herbert Langfeld dos Estados Unidos; e Pró-Secretário Geral, Jean Piaget. Por sua vez, o Comitê Executivo Eleito era composto por: S. Baley (Polônia); J. Germain (Espanha); O. Klineberg (EUA); P. Lersch (Alemanha); A. Michotte (Bélgica); T. H. Pear (Reino Unido); M. Ponso (Itália); T. Rasmussen (Dinamarca); G. Révész (Países Baixos); e H. Wallon (França).

Em seu primeiro quarto de século, todas as autoridades da IUPsyS foram personalidades de renome dentro da psicologia:

Tabela 2 - Autoridades da IUPsyS em seus primeiros 25 anos

Anos	Presidente	Vice-Presidente	Secretário Geral	Secretário Adjunto
1951-1954	H. Piéron	F. C. Bartlett	H. Langfeld	J. Piaget
1954-1957	J. Piaget	T. Rasmussen	O. Klineberg	J. Germain
1957-1960	A. Michotte	J. Drever	O. Klineberg	H. Duijker

¹¹ N.T.: Preocupados com o estatuto científico da psicologia em seus países, todos os três [Piéron, Michotte e Piaget] sentiram a necessidade de separar a União de duas tendências que ainda ameaçavam a psicologia científica em alguns países da Europa: (1) certas formas literárias ou filosóficas de psicologia, e (2) certas práticas psicoterapêuticas. Psicólogos de língua inglesa permitiram-se ser persuadidos, e a União foi formada com o nome de International Union of Scientific Psychology/Union Internationales de la Psychologie Scientifique.

¹² N. T.: Depois da Segunda Guerra Mundial, a pura e simples necessidade de coordenação global multiplicou as organizações internacionais.

Anos	Presidente	Vice-Presidente	Secretário Geral	Secretário Adjunto
1960-1963	O. Klineberg	H. Duijker J. Piaget	R. Russell	G. Westerlumd
1963-1966	J. Drever	P. Fraisse	R. Russell	G. Westerlumd
1966-1969	P. Fraisse	A. Leontiev R. Russell	E. Jacobson	G. Nielsen
1969-1972	R. Russell	A. Luria J. Nuttin	E. Jacobson	G. Nielsen
1972-1976	J. Nuttin	A. Summerfield Y. Tanaka	W. Holtzman	G. de Montmollin

Fonte: Rosenzweig et al., 2000.

Relações internacionais, preocupação pela paz e psicologia transcultural

Nos anos imediatamente posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, o Comitê Permanente participou de diferentes iniciativas que tinham por objetivo a paz Mundial.

Em 1947, o Comitê reuniu-se no México ao Projeto da UNESCO “Tensions Affecting International Understanding” e, no ano seguinte, participou da elaboração do folheto “Mental Health and World Citizenship”, auspiciado pela recém-criada *World Federation for Mental Health*. Eduardo Krapf, da Argentina, participou do congresso em Londres a partir do qual se organizou a referida Federação, testemunhando sobre o abandono do antigo campo da higiene mental que daria lugar ao mais moderno da saúde mental (Krapf, 1949). Também Otto Klineberg, sobre quem retomaremos em seguida, deixou seu relato daqueles encontros em Londres e da articulação entre o Comitê Permanente dos congressos, da nova Federação de Saúde Mental e do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO (Klineberg, 1974).

Alguns anos mais tarde, a IUPsyS, já constituída, fez parte do congresso de Copenhaga do espaço “Psychology and International Affairs: Can We Contribute?”, que havia reunido a mais antiga organização internacional no campo da psicologia, a *International Association for Applied Psychology*, que convocou a “psychologists everywhere to devote their energies and specific skills to the scientific understanding and reduction of international tensions”.¹³

13 N. T.: psicólogos de todo o mundo a dedicar suas energias e habilidades específicas à compreensão científica e redução de tensões internacionais.

Nos Estados Unidos, no começo da década de 1960, verificou-se uma atitude crítica por parte dos psicólogos, a política exterior estadunidense, e, com isso, uma viagem às “investigations of the psychological dimensions of international relations in the nuclear age”¹⁴ (Morawski e Goldstein, 1985, p. 280). Ao mesmo tempo, o campo das relações internacionais começava a profissionalizar-se na área acadêmica:

After WWII, the field of International Relations was achieving independence from Political Science and was gaining ground as a discipline in US academic and that realist approaches to International Relations emphasizing the importance of systemic variables to understand conflicts (Tomas-Rangil, 2011, p. 26).¹⁵

Em 1965, a *Swiss Psychological Society* solicitou à IUPsyS que, com urgência, desse início a ações que contribuíssem para evitar guerras, algo que sensibilizava profundamente nos anos da Guerra Fria. Hobsbawm (1998) afirmou que as possibilidades reais de uma guerra nuclear entre o Pacto de Varsóvia e a OTAN eram remotas, mas isso não impedia a existência de uma retórica, especialmente no Ocidente, que enfatizava termos bélicos e apocalípticos.

Nesse contexto, o Comitê Executivo da IUPsyS constituiu o *Working Group*, integrado por Paul Fraisse, Alekséi Leontiev e Otto Klineberg, que redigiu um informe, aprovado pelo próprio comitê, intitulado “An Appeal to Psychologists”.

Ao mesmo tempo, na Reunião anual do Comitê Executivo da IUPsyS, realizado em junho de 1965, na Abadia de Royaumont, decidiu-se publicar uma revista dedicada aos estudos transculturais. Na apresentação da revista, o então presidente da IUPsyS reafirmou a habitual frustração que gerava “el estudio experimental del comportamiento humano”¹⁶ (Drever, 1966, p. 1):

When we attempt to carry out an experimental study of human behaviour we are often frustrated because we can manipulate only a few unimportant variables, and

14 N.T.: investigações das dimensões psicológicas das relações internacionais na era nuclear.

15 N.T.: Após a Segunda Guerra Mundial, o campo das Relações Internacionais estava alcançando independência em relação à Ciência Política, ganhando território como disciplina no meio acadêmico dos Estados Unidos com abordagens realistas das Relações Internacionais e enfatizando a importância de variáveis sistêmicas para compreender os conflitos.

16 N. T.: o estudo experimental do comportamento humano.

because the period over which we can observe their effects is so short. To escape from such limitations we have recourse to animal studies, with a consequent reduction in the range and complexity of the phenomena which are accessible to us. There is an alternative whose value is becoming more and more apparent, namely, to exploit the variables which nature has provided in differences of ecology, culture, and language. This approach is not new, but a more adequate specification of the relevant variables has become possible through the growth of anthropology and linguistics. We can now undertake the study of basic psychological processes, which is our real concern, much better equipped than were our predecessors to assess the long-term effects of complex environmental conditions upon many aspects of behaviour (Drever, 1966, p. 1).¹⁷

No caso da investigação com sujeitos humanos, as variáveis que podem manipular-se são muito limitadas e o período de observação, muito curto. Com a intenção de superar essas limitações, Drever defendia que poderia recorrer-se à investigação animal, a qual reduz “el rango y la complejidad de los fenómenos” ao estudar. Como uma maneira de solucionar essas limitações, Drever recomenda “explotar las variables que la naturaleza prove en diferencias de ecología, cultura y lenguaje” (Drever, 1966, p. 1). O então presidente da IUPsyS também afirmou que esse tipo de estudo não era novidade, sendo possível uma maior especificidade das variáveis devido ao crescimento experimental na antropologia e na linguística. Com essa justificativa, a IUPsyS “decided that it was appropriate for a worldwide body such as ours to encourage comparative studies of this kind, and that, as a first step, we should provide a journal in which they might be published”¹⁸ (Drever, 1966, p. 2).

---

17 N.T.: Quando nós tentamos realizar um experimento envolvendo o comportamento humano, somos constantemente frustrados porque podemos manipular apenas um pequeno conjunto de variáveis irrelevantes, e porque o período durante o qual podemos observar seus efeitos é muito curto. Para escapar dessas limitações temos recorrido a estudos com animais, o que gera uma consequente redução no alcance e na complexidade dos fenômenos que nos são acessíveis. Há uma alternativa cujo valor tem se tornado mais e mais aparente, a saber, explorar as variáveis cuja natureza gerou diferenças na ecologia, na cultura e na linguagem. Essa abordagem não é nova, porém uma especificação mais adequada das variáveis tornou-se possível por meio do crescimento da antropologia e da linguística. Podemos agora empreender um estudo de processos psicológicos básicos, o que é nosso real interesse, muito mais preparados que nossos predecessores para acessar os efeitos de longo prazo de condições ambientais complexas em diversos aspectos do comportamento.

18 N.T.: decidi que era apropriado para um organismo mundial como o nosso encorajar estudos comparativos dessa espécie e, como primeira etapa, providenciáramos um jornal no qual eles poderiam ser publicados.

O papel desempenhado pela revista da IUPsyS tem sido reconhecido na história da psicologia transcultural:

La década de 1960 vivió una expansión continua y acelerada, que se reflejaba en el crecimiento de publicaciones: el *Journal of Social Psychology* publicó muchos estudios tempranos transculturales; el *International Journal of Psychology*, dedicado principalmente (*largely devoted to*) a tópicos trans-culturales y trans-nacionales, apareció por primera vez en 1966, para ser seguida en 1970 por el *Journal of Cross-Cultural Psychology* (Jahoda e Krewer, 1997, p. 24; tradução minha).¹⁹

Uma revisão do primeiro número pode ilustrar as características do programa de investigação transcultural proposto. Por exemplo, León Jakobovits, do *Center for Comparative Psycholinguistics* da Universidade de Illinois, afirmava que:

This type of analysis is illustrative of the evidence of cross-cultural differences which the researcher can isolate for further study. It should be evident that, as psychologists with only superficial knowledge of the many cultures we study, we cannot offer adequate explanations for results of this nature. Cooperation among social scientists from many fields and from different countries is not only desirable but necessary in the comparative study of culture (Jakobovits, 1966, p. 37).²⁰

Por sua parte, Nuttin Jr. propunha:

It seems to us that a critical replication of the Festinger and Carlsmith study was appropriate for several reasons. In the first place, there is, especially in the study of

---

19 N. T.: A década de 1960 viveu uma expansão contínua e acelerada, que se refletia no crescimento de publicações: o *Journal of Social Psychology* publicou muitos estudos transculturais iniciais; o *International Journal of Psychology*, dedicado principalmente a tópicos transculturais e transnacionais, apareceu pela primeira vez em 1966, e foi seguido em 1970 pelo *Journal of Cross-Cultural Psychology*. (Tradução do original pelo autor).

20 N. T.: Esse tipo de análise ilustra a evidência de diferenças interculturais que podem ser isoladas pelo pesquisador para estudo posterior. Evidentemente, como psicólogos que possuem apenas um conhecimento superficial das diversas culturas que estudamos, não podemos oferecer explicações adequadas para resultados dessa natureza. A cooperação entre cientistas sociais de vários campos e vários países não é apenas desejável, mas necessária, no estudo comparado de culturas.

the social determinants of human behavior, an increasing interest in cross-cultural research (1966, p. 37).²¹

Sempre no primeiro número, Marcello Cesa-Bianchi publicava os resultados de dois estudos transculturais: um estudo sobre processos de socialização em conformidade social e um estudo sobre estilo de enfrentamento e realização (acadêmica).

The results will be organized by such variables as age, sex and social class; by cultural variables (defined by ethnic, national and social class variation within countries) and by psychological variables (such as guilt, internalization of adult norms, etc.). Data will be analyzed to determine the extent to which aggressive behavior and compliance toward peers and adult authority is determined and can be predicted from cultural, social and psychological variables built into the design of the study (Cesa-Bianchi, 1966, p. 60).²²

Inclusive no primeiro número, o próprio Piaget enfatizava a necessidade de desenvolver estudos comparativos interculturais: “En une mot a psychologie que nous elaborons en nos milieux, caracterisés par une certaine culture, une certaine langue, etc., demeure essentiellement conjecturale tant qu’on n’a pas fourni le matriel comparatif nécessaire à titre de controle”²³ (1966, p. 12).

O *International Journal of Psychology* também foi a via privilegiada para a publicação do Informe “An appeal to psychologists”, que haviam preparado Fraisse, Klineberg e Leontiev. Estendemo-nos na citação textual de partes do referido documento por considerarmos que este destaca a posição oficial da IUPsyS.

---

21 N. T.: Parece-nos que uma repercussão crítica do estudo de Festinger e Carlsmith foi adequada por diversas razões. Em primeiro lugar, há, especialmente no estudo de determinantes sociais no comportamento humano, um interesse crescente em pesquisas interculturais.

22 N. T.: Os resultados serão organizados por variáveis, tais como idade, gênero, classe social, variáveis culturais (definidas pelas variações étnicas, nacionais e de classes sociais entre países) e variáveis psicológicas (como culpa, internalização de normas adultas etc.). Os dados serão analisados para determinar em que medida comportamentos agressivos e conformidade perante pares e autoridades adultas são determinados e de que maneira podem ser previstos por variáveis culturais, sociais e psicológicas construídas no projeto do estudo.

23 N. T.: Em uma palavra, a psicologia que desenvolvemos em nossos meios, caracterizada por uma determinada cultura, uma certa língua, etc., permanece essencialmente especulativa tanto que não temos produzido o material comparativo necessário a título de controle.

Psychologists share with other people of good will a horror of nuclear warfare, and a desire to live in a world of peace and international understanding. They acknowledge with other biological and social scientists the duty to consider the practical implications of their research findings and of the technical knowledge which they have acquired. They bear, however, a special responsibility at this moment in the history of mankind. Their discipline is most directly concerned with man and human behavior: they are *professionally* involved in helping men to realize their potentialities, by facilitating their mental and social development. It is surely reasonable to require psychologists to become professionally concerned also with man's survival (Fraisie et al., 1966, p. 165).²⁴

It is for this reason that the Executive Committee of the International Union of Psychological Science addresses to its thirty national member societies, representing a wide range of geographical distribution and of social and economic systems, as well as to psychologists throughout the world, the following appeal: that they, as *psychologists*, actively direct their professional energies toward reducing the menace of a new war, and toward improving the chances for peace throughout the world (Fraisie et al., 1966, p. 166).²⁵

A revista da IUPsyS já destacava, nos estudos comparativos interculturais, a chamada aos psicólogos publicada no segundo número, potencializando ainda mais a perspectiva transcultural da IUPsyS e da revista. No primeiro número do ano seguinte, dessa vez apenas com a firma de Otto Klineberg, publicou-se

---

24 N. T.: Psicólogos compartilham com outras pessoas de boa vontade um horror à guerra nuclear, e um desejo de viver em um mundo de paz e compreensão internacional. Eles reconhecem, junto com biólogos e cientistas sociais, o dever de considerar as implicações práticas dos resultados de suas pesquisas assim como do conhecimento técnico adquirido. Eles carregam, contudo, uma responsabilidade especial nesse momento da história da humanidade. Sua disciplina é direcionada sobretudo à preocupação com o homem e o comportamento humano: eles estão envolvidos profissionalmente em ajudar os homens a realizar seus potenciais, ao facilitar seu desenvolvimento mental e social. É certamente razoável requerer que psicólogos se tornem profissionais preocupados também com a sobrevivência do homem.

25 N. T.: É por essa razão que o Comitê Executivo da União Internacional da Ciência Psicológica endereçou aos membros de suas trinta sociedades nacionais, representando uma ampla gama de distribuições geográficas e de sistemas sociais e econômicos, assim como a psicólogos ao redor do mundo, o seguinte apelo: que eles, como psicólogos, ativamente direcionem suas energias profissionais para reduzir a ameaça de uma nova guerra, e para aumentar as chances de paz ao redor do mundo.

uma nota na qual já se aludia, sem mediações à posição da IUPsyS, sobre as relações internacionais:

The Executive Committee also decided that on the occasion of the Moscow Congress a meeting should be arranged for further discussion of possible action by the Union. It was agreed that the meeting should be relatively small (if possible a true Round Table), but as representative as possible. Roger Russell, then the Union's Secretary-General, sent a letter to all national member societies, asking them to suggest the names of participants. In the name of the *ad hoc* Committee, I then wrote to all those whose names had been submitted, inviting them to attend the Round Table, and if possible to prepare a brief statement in answer to the following two questions: 1) What do you regard as the possible contributions of psychology to the improvement of international relations? 2) What kind of research, particularly of a cross-national nature, would you like to *see* developed in the immediate future? (Klineberg, 1967, p. 76).²⁶

Nessa mesa-redonda mencionada, foram recebidas 12 propostas por escrito. Klineberg destacava que se conseguiu consenso ainda quando “las principales causas de las tensiones internacionales se encontraban em condiciones objetivas” os psicólogos “tienen a obrigação profesional de indicar el papel desempeñado por los factores subjetivos” (Klineberg, 1967, pp. 76-7).²⁷

Os números seguintes da publicação voltaram a enfatizar a investigação transcultural. Inclusive, já em 1968, Berry publicou a primeira versão do diretório sobre investigadores dedicados à investigação transcultural que logo seria ampliado e atualizado (Berry, 1968).

---

26 N. T.: O Comitê Executivo também decidiu que, por ocasião do Congresso de Moscou, deverá ser realizada uma reunião para que se discuta a possibilidade de ação pela União. Concordou-se que a reunião deverá ser relativamente pequena (se possível, uma verdadeira mesa-redonda), porém o mais representativa possível. Roger Russell, Secretário Geral da União, enviou uma carta para todos os membros das sociedades nacionais, solicitando sugestões de nomes para participarem da reunião. Em nome do supracitado Comitê, eu então escrevi a todos esses nomes que foram sugeridos, convidando-os também para atender à mesa-redonda, e se possível para preparar uma breve declaração em resposta às duas seguintes questões: 1) O que você considera como possíveis contribuições da psicologia à melhoria das relações internacionais? 2) Que tipo de pesquisa, particularmente de natureza internacional, você gostaria de ver desenvolvida em um curto prazo?

27 N. T.: as principais causas das tensões internacionais se encontravam em condições objetivas, os psicólogos têm a obrigação profissional de indicar o papel desempenhado pelos fatores subjetivos .

Podemos concluir que, em seus primeiros anos, a IUPsyS discutiu a participação em temáticas sociais de relevância, como a saúde mental coletiva, a compreensão entre os povos da terra e a paz mundial. O contexto dessa preocupação foi a Guerra Fria e o *horror da guerra nuclear*, situação central na Europa nesses anos, especialmente a partir da retórica que o Ocidente outorgou ao tema (Hobsbawm, 1998). Em tal cenário, a IUPsyS promoveu intercâmbios científicos e institucionais entre investigadores de diferentes culturas, nacionalidades e linguagens. É possível que um dos resultados mais destacados desses intercâmbios tenha sido o impulso sustentado e defendido para a investigação no campo transcultural. A partir dos primeiros anos da década de 1970, esse impulso se debilitou até chegar a quase desaparecer na segunda metade da década de 1970. Muitos fatores contribuíram para isso, desde a edição de 1970 de uma nova revista sobre a especialidade, o *Journal of Cross-Cultural Psychology*, a aparição de uma nova sociedade internacional dedicada unicamente à psicologia transcultural (*International Association of Cross-Cultural Psychology*), até as próprias críticas surgidas na interioridade dessa ciência. Em particular, a análise da cultura como mais uma variável dos fenômenos psicológicos começou a ser vista como uma séria limitação para a compreensão inteiramente cultural desses fenômenos.

Referências

- Adamopoulos, J. e Lonner, W. J. «Culture and psychology at a crossroad: historical perspective and theoretical analysis». In Matsumoto, D. (ed.). *The handbook of culture and psychology*. Nova York: Oxford University Press, 2001, pp 11-3.
- Adler, H. E. “The European influence on American psychology: 1892 and 1942”. In _____ e Rieber, R. W. (eds.). *Aspects of the history of psychology in America: 1892-1992*. Nova York: The New York Academy of Sciences - Washington: American Psychological Association, 1994, pp. 113-22.
- Anônimo. “Congrès International de Psychologie Physiologique”. *Revue Philosophique da France et de l'étranger*, n. 28, pp. 109-11, 1889.
- Berry, J. W. “Directory of Cross-Cultural Psychological Research”. *International Journal of Psychology*, v. 3, n. 2, pp. 137-48, 1968.
- Binet, A. *Introduction à a Psychologie Expérimentale*. Paris: Felix Alcan, 1894.
- Cesa-Bianchi, M. “The development of social attitudes as studied in two cross-cultural research projects”. *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 1, pp. 59-62, 1966.

- Cole, M. *Psicología cultural*. Madrid: Morata, 2006.
- Danziger, K. "Does the history of psychology have a future?". *Theory and Psychology*, v. 4, n. 4, pp. 467-84, 1994.
- _____. "Universalism and indigenization in the history of modern psychology". In Brock, a. c. (ed.). *Internationalizing the history of psychology*. New York: New York University Press, 2006, pp. 208-25.
- Dergam, A. "El presente no es actual. Tres visiones de la psicología post-soviética". *Anuario de Psicología*, n. 74, pp. 99-123, 1997.
- Drever, J. "Foreword". *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 1, pp. 1-2, 1966.
- Fraisse, P. et al. "An appeal to psychologists". *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 2, pp. 165-7, 1966.
- Geuter, U. *The Professionalization of psychology in Nazi Germany*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1992.
- González-Rey, F. L. "Advancing further the history of Soviet psychology: moving forward from dominant representations in Western and Soviet psychology". *History of Psychology*, v. 17, n. 1, pp. 60-78, 2014.
- Hobsbawm, E. *Historia do século XX*. Buenos Aires: Crítica, 1998.
- Jahoda, G. e Krewer, B. "History of cross-cultural and cultural psychology". In Berry, J. W. et al. (eds.). *Handbook of cross-cultural psychology: theory and method*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon, 1997, v. 1, pp. 1-42.
- Jakobovits, L. A. "Comparative psycholinguistics in the study of cultures". *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 1, pp. 15-37, 1966.
- Klineberg, O. "The IUPS and international relations". *International Journal of Psychology*, v. 2, n. 1, pp. 76-8, 1967.
- _____. "Otto Klineberg". In Lindzey, G. (ed.). *History of psychology in autobiography*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, v. VI, pp. 163-82.
- Krapf, E. "Las reuniones de Salud Mental de Londres y la fundación de la Federación Mundial de Salud Pública". *Neuropsiquiatria*, v. 1, n. 1, pp. 69-75, 1949.
- Krige, J. *American hegemony and the postwar reconstruction of science in Europe*. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- Lacan, J. *Seminario 2: el yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1992[1954].
- Marillier, L. "Le Congrès de Psychologie Physiologique de 1889". *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, n. 28, pp. 539-46, 1889.
- Montoro, L. et al. "A short history of the International Congresses of Psychology". *Revista de Historia de la Psicología*, v. 5, n. 1/2, pp. 245-52, 1984.

- Morawski, J. G. e Goldstein, S. E. "Psychology and nuclear war : a chapter in our legacy of social responsibility". *American Psychologist*, v. 40, n. 3, pp. 276-84, 1985.
- Nicolas, S. e Murray, D. J. "Théodule Ribot (1839-1916), founder of French psychology: a biographical introduction". *History of Psychology*, v. 2, n. 4, pp. 277-301, 1999.
- _____. e Söderlund, H. "The project of an International Congress of Psychology by J. Ochorowicz (1881)". *International Journal of Psychology*, v. 40, n. 6, pp. 395-406, 2005.
- _____. et al. "L'Année psychologique: history of the founding of a 100-year-old French Journal". *History of Psychology*, v. 3, n. 1, pp. 44-61, 2000.
- Nuttin, J. M. Jr. "Attitude change after rewarded dissonant and consonant forced compliance: a critical replication of the Festinger and Carlsmith experiment". *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 1, pp. 39-57, 1966.
- Ochorowicz, J. "Projet d'un Congrès International de Psychologie". *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger*, n. 12, pp. 1-17, 1881.
- Piaget, J. "Nécessité et signification des recherches comparatives en Psychologie Génétique". *International Journal of Psychology*, v. 1, n. 1, pp. 3-13, 1966.
- Piéron, H. In Boring, E. G. et al. (eds.). *History of Psychology in Autobiography*. Worcester: Clark University Press, 1952, v. IV, pp. 257-78.
- _____. "Histoire succincte des Congrès Internationaux de Psychologie". *L'année Psychologique*, v. 54, n. 2, pp. 397-405, 1954.
- Rattner, C. *Cultural psychology : a perspective on psychological functioning and social reform*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.
- _____. e Hui, L. "Theoretical and methodological problems in cross-cultural psychology". *Journal for the Theory of Social Behavior*, n. 33, pp. 68-94, 2003.
- Rosenzweig, M., et al. (eds.). *History of the International Union of Psychological Science (IUPsyS)*. Hove: Psychology Press, 2000.
- Schofer, E. "Science associations in the international sphere, 1875-1990: the rationalization of science and the scientization of society". In Boli, J. e Thomas, G. M. (eds.). *Constructing world culture: International Nongovernmental Organizations since 1875*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999, pp. 249-66.
- Segall, M. H. et al. . "Cross-cultural psychology as a scholarly discipline". *American Psychologist*, v. 53, n. 10, pp. 1101-10, 1998.
- Tomas-Rangil, T. *The politics of neutrality: UNESCO's Social Science Department, 1946-1956*. Durham, NC: Center for the History of Political Economy, 2011. (Chope Working Paper 2011-8).
- Zeitlin, J. "Introduction". In _____. e Herrigel, G. (eds.). *Americanization and its limits: reworking US technology and management in post-war Europe and Japan*. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 1-50.

Zeitlin, J. "Introduction". In _____ e Herrigel, G. (eds.). *Americanization and its limits: re-working US technology and management in post-war Europe and Japan*. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 1-50.